

ENTENDIMENTO SOBRE UM PROJETO PÚBLICO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASILEIRA

Autoria

Ivor Prolo

Programa de Mestrado e Doutorado em Gestão Internacional - PMDGI/Escola Superior de Propaganda e Marketing -
ESPM

Manolita Correia Lima

Programa de Mestrado e Doutorado em Gestão Internacional - PMDGI/Escola Superior de Propaganda e Marketing -
ESPM

Gonçalo Canto Moniz

Centro de Estudos Sociais - CES /Universidade de Coimbra

Resumo

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender o projeto institucional de uma universidade brasileira com vocação internacional. O foco de análise tem como ponto de partida os segmentos dos estudantes, professores, lideranças acadêmicas e técnicos administrativos desta universidade dentro do marco temporal de 2010 a 2017. A construção do caminho metodológico, alinhado com a tradição de pesquisa qualitativa, possui como cerne dados empíricos advindos de entrevistas individuais e grupos focais. Por meio dos dados preliminares, constata-se que os pilares filosóficos e ideológicos atribuídos a esta instituição apresentam desafios em sua compreensão e inúmeras resistências, o que dificulta a implementação e consolidação do projeto institucional para a atuação estratégica na tríplice fronteira.

Palavras-chave: universidade internacional; internacionalização do ensino superior; compreensão da missão universitária.

29° ENAGRAD 2018
Área Temática: 1 - Administração Pública, Governo e Terceiro Setor

**ENTENDIMENTO SOBRE UM PROJETO PÚBLICO UNIVERSITÁRIO
INTERNACIONAL NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASILEIRA**

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender o projeto institucional de uma universidade brasileira com vocação internacional. O foco de análise tem como ponto de partida os segmentos dos estudantes, professores, lideranças acadêmicas e técnicos administrativos desta universidade dentro do marco temporal de 2010 a 2017. A construção do caminho metodológico, alinhado com a tradição de pesquisa qualitativa, possui como cerne dados empíricos advindos de entrevistas individuais e grupos focais. Por meio dos dados preliminares, constata-se que os pilares filosóficos e ideológicos atribuídos a esta instituição apresentam desafios em sua compreensão e inúmeras resistências, o que dificulta a implementação e consolidação do projeto institucional para a atuação estratégica na tríplice fronteira.

Palavras-chave: universidade internacional; internacionalização do ensino superior; compreensão da missão universitária.

Abstract: This paper's purpose is to understand the institutional project of a Brazilian university with an international vocation. The focus of analysis is based on the segments of students, professors, academic leaders and administrative technicians of this university within the time frame from 2010 to 2017. The construction of the methodological path, in line with the tradition of qualitative research, is grounded on empirical data from individual interviews and focus groups. As a result of preliminary data, it is verified that there are various resistances and challenges in understanding the philosophical and ideological pillars attributed to this institution, which makes it difficult to implement and consolidate the institutional project for the strategic action in the triple border.

Keywords: international university; internationalization of higher education; understanding the university mission.

Introdução

A universidade¹ talvez seja a instituição da sociedade moderna que mais investe tempo e se dedica a refletir sobre si mesma. Essa reflexão, muitas vezes resulta em uma constante renovação, seja na missão, na forma de atuação, no gerenciamento e organização, ou seja, no atendimento dos diferentes interesses e demandas oriundos da sociedade, das nações, das agências internacionais e das organizações. Desta maneira, “a mudança é o ingrediente permanente da vida da universidade e critério de manutenção da sua autonomia” (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p. 51).

O Brasil não está alheio a este movimento reflexivo sobre o papel da universidade. No início do século XXI, o Mercosul Educacional foi responsável pelo aumento da discussão sobre este tema no espaço sul-americano (ROSEVICS, 2015) e, no âmbito nacional, os debates acerca deste assunto foram incentivados pelo Plano Nacional de Educação, que resultou no Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras - REUNI (MENEGHEL; AMARAL, 2016).

Como consequência da implantação do REUNI, o ensino superior público brasileiro passou a priorizar a ampliação de vagas e de financiamentos, bem como a interiorização, o fortalecimento da educação tecnológica, as modalidades de ensino a distância e as ações inclusivas. Simultaneamente, a estratégia do governo federal brasileiro consistia em criar condições que favorecessem o País atuar internacionalmente, sensível a agenda da integração regional, investiu em projetos de criação de universidades federais brasileiras com vocação internacional². Dentre elas, a Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA provavelmente seja o caso mais emblemático e com desafios significativos, tendo em vista a pretensão de se tornar referência internacional na atuação em um campo no qual o diálogo e as ações conjuntas entre os países pouco se desenvolvem, que é o da integração regional na América Latina (PROLO; LIMA; MONIZ, 2018).

Após quase oito anos de implantação e em uma perspectiva de concretização da missão atribuída à UNILA, que em grande parte depende da compreensão do projeto de criação da Universidade e da capacidade de estudantes, professores, lideranças acadêmicas e técnicos administrativos ultrapassarem as limitações de seus projetos individuais na direção de um projeto coletivo maior – há incertezas sobre a consolidação de uma universidade que se propõe a colaborar para o fortalecimento de uma região historicamente enfraquecida por projetos exógenos aos interesses da população, em um momento marcado pelas exigências da globalização econômica.

Por conseguinte, caberia questionar: qual é o nível de entendimento que os segmentos internos têm do projeto que originou a criação da UNILA? Quais são as influências (resistências) que dificultam a implantação deste projeto universitário com propósito estratégico de integração regional? Desta maneira, o objetivo deste artigo é compreender o projeto institucional e as resistências que a UNILA sofre para sua efetiva implantação e consolidação a partir da visão de estudantes, professores, lideranças acadêmicas e técnicos administrativos dentro do marco temporal de 2010 a 2017. O artigo pretende preencher uma lacuna empírica sobre a concepção e a implementação de projeto universitário e assim contribuir para a literatura dos modelos universitários internacionais. O artigo também traz contribuições ao contexto institucional e a internacionalização do ensino superior.

Da gênese internacional da universidade às suas distintas missões

A genealogia da universidade é internacional. Na Europa Ocidental, por volta dos séculos IX e X, havia um movimento de pessoas que se deslocavam para outras regiões em busca de mentores que pudessem ensiná-los sobre retórica, lógica, astronomia e ciência sagrada (teologia), entre outros temas. Esses grupos eram espontâneos em sua organização, sem qualquer vínculo com os reinos (governos), tornando-se cada vez mais expressivos e volumosos. Esse movimento inquietou a Igreja Católica, responsável na época pelo monopólio do ensino escolar e pelo sistema da *licentia docenti* (licença para ensinar). Surgem assim, entre os séculos XII e XIII, as primeiras instituições formais, controladas e organizadas como associações de mestres ou federações de escolas, respaldadas pela Igreja na validação dos diplomas. Entre as primeiras estão as universidades de Bolonha, Paris e Oxford (RUBIÃO, 2013; SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012).

Até por volta do século XV, as populações universitárias medievais deslocavam-se constantemente, atraídas pelo prestígio alcançado pelas grandes universidades (Paris e Bolonha). Charle e Verger (1996) defendem a tese de que nessa época as fronteiras não barravam a circulação das pessoas e a validade universal dos diplomas trazia segurança aos estudantes. Com a multiplicação de universidades nacionais/regionais no final da Idade Média, houve uma redução nessa mobilidade, mas sem afetar de forma significativa a atração de estudantes pelas universidades de maior notabilidade. Contudo, o investimento envolvido e o tempo dedicado aos estudos afastaram os estudantes desprovidos de recursos econômicos destas instituições.

A partir da metade do século XVIII há um declínio das peregrinações estudantis. Um fator determinante para este acontecimento foi o triunfo dos Estados Absolutistas e o acirramento das diferenças religiosas na Guerra dos Trinta Anos. Como uma forma de controlar futuras heresias, os príncipes impuseram decretos que proibiam os estudos fora de suas fronteiras e não reconheciam a validade dos diplomas obtidos no estrangeiro. Isso revela o controle político do estado sobre as universidades. Mesmos com estas medidas, havia jovens que faziam o *Grand Tour*, atraídos pelo prestígio destas viagens e o que elas traziam em termos de autoconhecimento (CHARLE; VERGER, 1996).

No ocidente, a emergência da universidade se deve a iniciativa de grupos de estudantes, oriundos de distintas regiões, que tinham em comum o interesse pelo conhecimento. Porém, nos séculos subsequentes, especificamente XIX e XX, essa instituição adquire contornos e características diferentes e específicas na forma de atuação, atendimento de propósitos (missão), formas de financiamento, regulamentações de autoridades internacionais e nacionais para o atendimento de interesses sociais, políticos e econômicos das nações (MELLO, 2011; RUBIÃO, 2013).

A universidade contemporânea, principalmente a pública, é uma instituição particularmente complexa. *Complexa* em termos de propósito, financiamento, gestão acadêmica, combinação de atividades que transitam entre ensino, pesquisa e extensão, convivência de estudantes, professores, gestores e técnicos administrativos, nem sempre movidos por interesses convergentes. Está sujeita aos contextos local, nacional e internacional, particularmente às questões políticas, aos interesses econômicos e às expectativas sociais. Quando expostas ao ambiente internacional é fortemente influenciada pelos organismos internacionais (AKKARI, 2011; PASCUCI et al., 2016). Exerce expressiva influencia social na medida em que promove formação, reflexão, crítica e criação capaz de fomentar discussões sobre sua própria existência e

função perante a sociedade. Por acolher diferentes visões de mundo, atitudes e projetos conflitantes em seu interior, reflexos das divisões e contradições presentes na sociedade. É uma das poucas instituições que demandam tempo e energia para refletir sobre si mesmas e transformam o exercício de reflexão em movimento capaz de gerar mudanças necessárias (CHAUÍ, 2003; SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012).

A acomodação da universidade às necessidades da sociedade é responsável pela diversidade de concepções que assumiu, grande parte delas associadas a países/regiões. Entre as concepções historicamente consagradas de universidade estão a humboldtiana (Alemanha – século XIX, privilegiava o conhecimento puro e sistematizante); newmaniana (Inglaterra – século XIX, universidade direcionada à cultura geral, opunha-se à profissionalização); a reformista (Argentina – início século XX, corrente latino-americana engajada com a justiça social) e multiversity (Estados Unidos – início século XX, investimento em conhecimento útil capaz de alimentar a pesquisa, a educação liberal e a profissionalização) (KERR, 2005; RUBIÃO, 2013).

Essas concepções nunca existiram em sua plenitude, porém, observa-se resquícios das mesmas nas universidades contemporâneas. Santos e Almeida Filho (2012) discutem sobre as três missões consolidadas da universidade com base nessas concepções e indicam a existência de uma quarta missão. A primeira está atrelada ao ensino, a segunda está comprometida com o exercício sistematizado da pesquisa – eixo de integração no ensino superior e fonte que credencia o que deve ser ensinado – e a terceira são as designações de atividades de prestação de serviços, extensão, de transferência e de inovação, em que a universidade chama para si o papel de indução ao desenvolvimento econômico e social dos países. Essa missão compromete a visão da universidade como uma “torre de marfim” e promove a sua aproximação com a sociedade, numa espécie de compromisso social com agendas de inclusão social e sustentabilidade ambiental e afirmação cultural. Por fim, a quarta missão seria o retorno da universidade a sua gênese, a internacionalização. Esta missão valoriza a colaboração universitária internacional como uma forma de a universidade ser cada vez menos provinciana na construção de um espaço alargado e transnacional de conhecimento.

A quarta missão da universidade pressupõe a presença de um número expressivo de professores e estudantes oriundos de distintas nacionalidades, sobretudo a sua convivência criativa. Essa missão amplia as condições que favorecem o estabelecimento de um compromisso autônomo de diplomacia cultural universitária, que se constrói no longo prazo. As tensas e conflituosas discussões, promovidas pela comunidade acadêmica, no interior da universidade, dificultam a construção de projetos coletivos resultantes de consensos no que se refere as visões de missão, orientação e organização universitária (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012).

Assim sendo, a pesquisa em andamento reconhece a universidade como uma instituição social, complexa e movida por distintas missões. As três primeiras reforçam o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, descrito no artigo 207 da Constituição do Brasil (BRASIL, 1988). Apesar de o referido documento orientar os caminhos a serem seguidos pelas universidades brasileiras, isso não equivale a afirmar de que exista indissociabilidade entre as três missões em todas elas. Em algumas, características marcantes de uma missão se destacam em detrimento de outra. Quanto a quarta missão, o compromisso com a promoção da internacionalização, cabe questionar como ela ganha força na dinâmica de funcionamento das universidades? Será que estas instituições estão, de fato, voltando à gênese da universidade?

A universidade classe mundial e a universidade internacional

A globalização econômica atua fortemente na definição das políticas educacionais no mundo a partir da última década do século XX. Conseqüentemente, os países têm adotado uma agenda de reformas inspirada nos princípios neoliberais, tais como: ampliação da participação privada, redução do financiamento público, mecanismos de regulação e o reconhecimento da Educação Superior como serviço (CHAVES; CASTRO, 2016; SGUISSARDI, 2008).

Nessa trilha, duas visões opostas e concorrentes sobre o conceito de educação ganham força nas discussões acadêmicas. A primeira está amparada pela visão humanística de educação adotada pela UNESCO. Ela faz referência a quatro pilares básicos: “aprender a conhecer (valorização do conhecimento), aprender a fazer (competências), aprender a ser (realização pessoal, criatividade), aprender a viver juntos/conviver (coesão social)” (AKKARI, 2011, p. 31). A segunda, por sua vez, refere-se à visão instrumental típica do Banco Mundial, que enxerga na educação o papel de inserção de pessoas na economia de mercado local ou global. Ao utilizar os pilares descritos anteriormente, esta organização valoriza apenas o “aprender a fazer” (AKKARI, 2011).

Em tempos de globalização financeira, a segunda visão se sobressai em relação a primeira, considerando que o poder de influência econômica do Banco Mundial sobre os governos dos países centrais e periféricos é mais significativo do que o da UNESCO. Como afirmam Santos e Almeida Filho (2012), o modelo de educação nas universidades é abalado principalmente pela falta de capacidade financeira, levando à adoção de ações alinhadas aos interesses do financiador como forma de sobrevivência institucional. O que coloca a autonomia da universidade em questão.

Em consequência, muitas dessas ações têm provocado variações conceituais na internacionalização, sendo necessário esclarecer o sentido de internacionalização e transnacionalização na educação universitária. De acordo com Peixoto (2010):

- A *internacionalização* diz respeito a integração da dimensão internacional na docência, pesquisa e serviços desempenhados pelas universidades. O autor considera o uso com finalidade restrita às atividades acadêmicas, ligada à missão da universidade na geração de conhecimento, na cooperação internacional solidária e no estabelecimento de redes interuniversitárias;
- A *transnacionalização* (liberalização ou mundialização) se refere à educação como bem global e elimina as barreiras para a implantação de serviços educativos; estabelecimento de filiais de universidades estrangeiras; venda de franquias acadêmicas, alinhadas com o controle de universidades e empresas de países desenvolvidos.

Nesse sentido, a mundialização corresponderia a um fenômeno estratégico que repercute sobre o ensino superior tendo amparo do Banco Mundial, e a internacionalização é uma das formas que a universidade reagiria a essa mundialização, na tentativa de manter os princípios fundantes da educação proposta pela UNESCO (FELDFEBER, 2009). Ressalta-se que esta pesquisa adota o conceito de internacionalização pelo alinhamento com as três missões consolidadas de universidade (descritos no subtítulo anterior) e com o proposto pela UNESCO.

A partir do exposto, o processo de internacionalização envolve múltiplos interesses, como: econômico, político e acadêmico, além de ter a atuação de distintos atores como

agências multilaterais, governos, empresas, universidades, entre outros (LIMA; CONTEL, 2011). De um lado, de maneira simplificada, o interesse econômico alinha-se ao ambiente competitivo entre as empresas; o político relaciona-se com as estratégias governamentais de desenvolvimento; e o acadêmico associa-se às universidades. Por outro lado, esses múltiplos interesses afetam diretamente a atuação das universidades. Por exemplo, tanto empresas e governos são esperançosos e atribuem as soluções de seus problemas ou interesses à universidade e, em contrapartida, a retribuição fica a cargo de liberação de recursos financeiros.

A discussão remete a um antigo debate sobre autonomia universitária, que não é o foco deste trabalho. Ressalta-se apenas que a universidade se torna refém dos interesses externos, que a forçam a agir e apresentar resultados que podem não coincidir com sua agenda ou seu propósito (missão). Neste caso, a universidade se submete a essas forças, caso queira sobreviver. De acordo com Pascuci (2016), essa cobrança por resultados em relação às universidades, em um cenário exigente e competitivo, provoca uma crescente utilização de abordagens gerenciais oriundas do mercado. Em resposta, não faltam universidades se empenhando para conquistar o status conferido pelo selo “classe mundial” ou “classe do mundo” como forma de legitimar a competitividade (HAZELKORN, 2015).

A conquista deste selo favorece a atração de estudantes internacionais e a captação de recursos financeiros provenientes de fundos públicos (Estado) e privados (doações e investimentos de acionistas) capazes de fortalecer a pesquisa, uma das formas de manter a missão da universidade. Desta maneira, o selo torna-se uma tendência para a universidade se internacionalizar e as classificações indicam quais são e o local em que estão localizadas as universidades “classe do mundo” (VIEIRA; LIMA, 2016).

No entanto, Vieira e Lima (2015;2016) revelam que os mecanismos de classificação das universidades interessadas em obter esse selo estão fundamentados nos rankings acadêmicos globais. Eles se utilizam de métodos comparativos de avaliação estranhos ao ambiente acadêmico. A exemplo do *Academic Rankings of World Universities* (ARWU); *Q&S World University Rankings* (Q&S) e *Times Higher Education World University Rankings* (THE). Em suma, significa que o selo pressupõe a adoção de estratégias competitivas voltadas para o aumento do fluxo de estudantes internacionais, dos recursos advindos de fundos de pesquisa (VIEIRA; LIMA, 2016) e do prestígio institucional, vital para a sobrevivência e o sucesso em uma perspectiva organizacional (HUNTER, 2013). Porém, revela-se limitado para classificar a universidade como internacional (KNIGHT, 2015).

Knigh, a autora supramencionada, argumenta ainda que os indicadores utilizados pelos rankings globais são relevantes³, no entanto sua abordagem apresenta-se extremamente estreita para definir a universidade internacional. Por fim, afirma que esses indicadores “não representam a riqueza e a diversidade das atividades realizadas pelas instituições de ensino superior para se tornarem mais internacionais e interculturais” (KNIGHT, 2015, p. 109 - tradução nossa).

As limitações desses indicadores podem ser entendidas de duas maneiras. Primeiro, percebe-se ausência de clareza dos mesmos no que se refere à internacionalização, que em parte se deve à complexidade intrínseca ao conceito, resultante das confusões e divergências em torno de seu significado no que concerne a universidade internacional, binacional, transnacional, cosmopolita, multinacional e global. Segundo, a inexistência de modelos padronizados de referência para que as universidades ampliem a dimensão internacional (DE WIT, 2013;2015).

Na procura de características-chave para compreender os diferentes tipos de universidades internacionais, Knight (2015) se depara com três concepções ou gerações de universidade internacional. Essas concepções são: a clássica, a satélite e as co-fundadas. A *clássica* é considerada a mais comum, refere-se à primeira geração de universidades internacionalizadas. Possui diversidade de parcerias, estudantes, docentes e múltiplas atividades colaborativas internacionais e interculturais no país e no exterior. A *satélite* inclui escritórios, campi, centros de pesquisa e de gerenciamento espalhados pelo mundo. As *co-fundadas* são instituições autônomas co-fundadas ou co-desenvolvidas por duas ou mais instituições parceiras, em diferentes países. A autora enfatiza que são “tipos ideais” que ajudam a significar tipos genéricos, não sendo exclusivos ou exaustivos na representação de toda a perspectiva desta universidade.

O aspecto internacional da universidade deveria ser um processo de mudança e transformação para integrar suas dimensões internacionais, interculturais ou globais à sua missão educacional. Essa seria a forma de alcançar os objetivos acadêmicos, socioculturais, econômicos e/ou políticos do país ou região (KNIGHT, 2015), em que referido aspecto internacional seria um meio e não um fim em si mesmo (DE WIT, 2011). Entretanto, nas últimas décadas ocorreu o inverso, pois buscou-se o selo de universidade classe mundo ou o reconhecimento internacional com o foco em resultados que garantissem recursos e prestígio institucional (VIEIRA; LIMA, 2016), distante da gênese internacional da universidade.

Escolhas metodológicas e protocolo de pesquisa

O caminho metodológico alinha-se com a tradição da pesquisa interpretativa, subordinada à abordagem qualitativa. O critério de escolha baseia-se na capacidade desta tradição em produzir conhecimento profundo sobre algo, levando em conta o ponto de vista dos atores sociais envolvidos com a investigação (STAKE, 2005;2016).

A investigação empírica para atender aos objetivos desta pesquisa ocorre na UNILA, instituição instalada na cidade de Foz do Iguaçu, tríplice fronteira com *Puerto Iguazú* – Argentina e *Ciudad del Este* – Paraguai e a 637 km da capital do Estado do Paraná – Brasil. Criada em 2010, essa instituição foi uma das universidades brasileiras que fizeram parte do terceiro ciclo do REUNI, seguindo a diretriz integração e cooperação internacional sob a liderança brasileira (BRASIL, 2009; SILVA; MARTINS, 2014).

Os critérios que norteiam a escolha da UNILA são: (a) arquitetura universitária internacional prevista na gênese da missão⁴, diferente das universidades tradicionais do Brasil; (b) os cinco princípios fundantes dessa universidade: interdisciplinaridade; interculturalidade; bilinguismo/multilinguismo; integração solidária; e gestão democrática (UNILA, 2013). Estes princípios podem revelar uma concepção alternativa de universidade internacional; (c) localização no interior brasileiro e na fronteira territorial com outros países e; (d) alcance em um único continente – América Latina.

Ressalta-se que embora a UNILA tenha em sua missão a dimensão internacional pelo intercâmbio estudantil na graduação, contando com 1/3 (um terço) de estudantes internacionais (não-brasileiros) em 2016, por critérios relativos a universidade classe mundial como instituição internacional, porém, ao considerar os critérios expostos pelo Knight (2015), a UNILA apresenta características dos tipos *clássico* e *co-fundadas* de universidade internacional. A UNILA se compromete a promover a mobilidade acadêmica inter-regional⁵ que remete, mesmo timidamente, à formação de uma

consciência identitária regional, comparável ao conceito de cidadania europeia (MOROSINI; DALLA; GUILHERME, 2017).

A unidade de análise compreende a implantação do projeto institucional da UNILA no período de 2010 a 2017, sob a perspectiva dos atores sociais internos. Esses atores são estudantes, professores, técnicos educacionais e gestores desta universidade, de diferentes nacionalidades, cursos e institutos/setores. A coleta de dados empíricos foi produzida a partir de entrevistas e grupos focais realizados presencialmente dentro da universidade, em três etapas: agosto de 2015, outubro de 2015 e maio de 2017. Ao total, realizaram-se: 04 Grupos Focais (10h47 de gravação) e 41 entrevistas (45h33), que correspondem a 72 pessoas envolvidas, de 13 nacionalidades⁶ e representando os 4 Institutos da universidade⁷.

As entrevistas e os grupos focais foram conduzidos seguindo as convicções da abordagem mista (*mixed approach*), em que as questões são geradas a partir da literatura (dedutiva) e da pesquisa de campo (indutiva). Essa abordagem contribui para o surgimento de *insights* no andamento da interpretação dos dados (GASKELL, 2008; GODOI; MATTOS, 2010). A organização dos dados foi auxiliada pelo uso *software* Altas/ti (BANDEIRA-DE-MELLO, 2010) e o processo de codificação e categorização seguiu os protocolos da *grounded theory* como *grounded inquiry* (processo de pesquisa), sem o intuito de ter a *grounded theory* como produto final (construção de novas teorias) (OLIVEIRA, 2016; PINTO; SANTOS, 2012). A *grounded inquiry* segue a técnica da comparação constante de incidente-incidente (indução \leftrightarrow dedução \leftrightarrow verificação), que possibilita identificar e discriminar categorias conceituais relevantes a partir da interpretação que o pesquisador faz dos dados (BANDEIRA-DE-MELLO; CUNHA, 2010).

Na tentativa de julgar o rigor científico de pesquisas qualitativas, foram utilizados os critérios de autenticidade e plausibilidade propostos por Pozzebon e Petrini (2013). A autenticidade refere-se a eliminar limitações na interpretação dos dados causados pela não imersão a longo prazo do pesquisador no campo de coleta de dados; a plausibilidade corresponde aos resultados fazerem sentido aos envolvidos na pesquisa. As ações adotadas foram: (a) utilização de elementos etnográficos (PINTO; SANTOS, 2012) na condução dos trabalhos de campo (diário de campo, registros fotográficos e observações dos atores pesquisados em situações cotidianas), concretizada na terceira etapa supramencionada, quando o pesquisador permaneceu por vinte dias na cidade de Foz do Iguaçu; (b) acompanhamento constante, nas redes sociais, sobre os acontecimentos na universidade durante o período da pesquisa e (c) apresentação e discussão dos resultados por meio de *workshop* com os atores envolvidos na pesquisa.

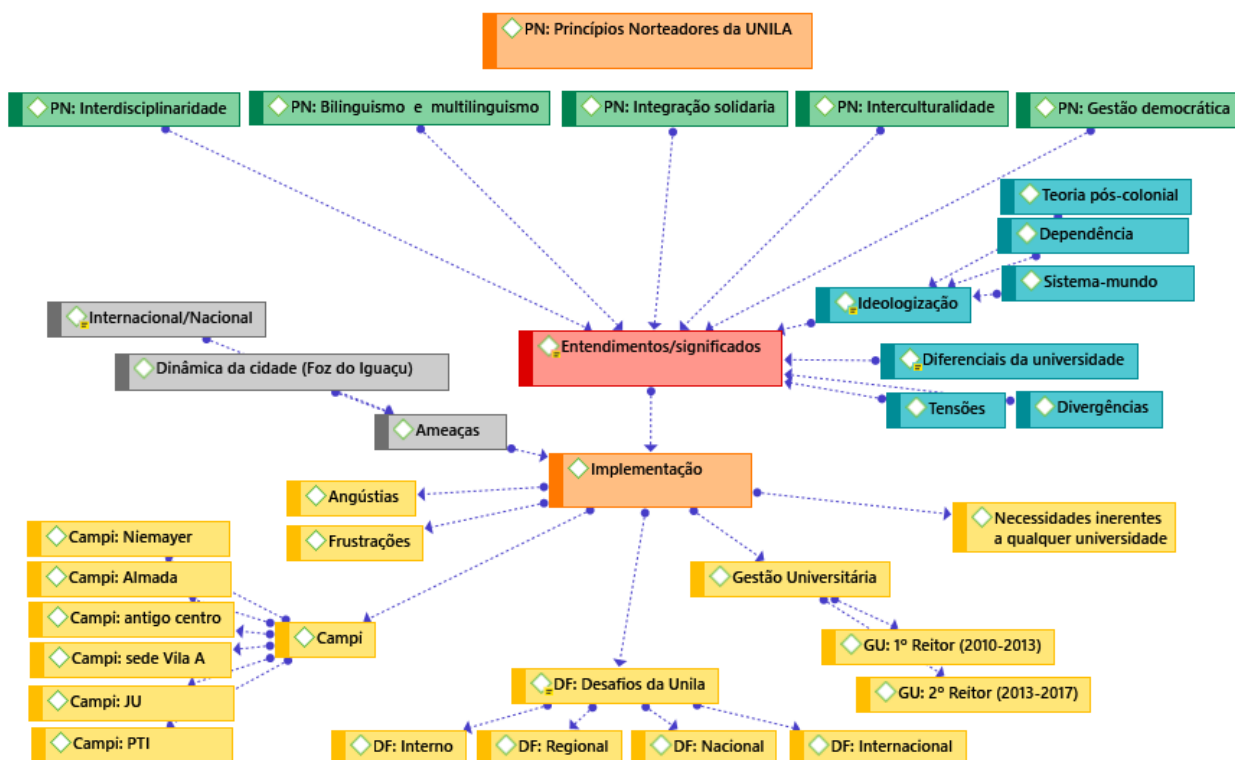
Resultados e discussões

Neste primeiro momento, importante registrar a impressão inicial do entrevistador em relação aos entrevistados. Durante todo o processo de coleta de dados empíricos, percebe-se que os entrevistados apresentam forte emoção quando se refere ao projeto de criação da UNILA. O que pode ser explicado em grande parte pelas expectativas criadas pelos entrevistados em relação a missão da universidade, como se refere o trecho: “*um projeto muito sedutor para aqueles que pensam o Brasil diferente*” (código do entrevistado 010517). Em compensação, por outro lado, com o passar do tempo, as expectativas tornam-se frustrações/angústias: “*muitos ficam frustrado com a própria*

universidade, porque o projeto em si quando ele chegou, não é isso que ele acha" (080517).

A partir da codificação dos dados empíricos, elabora-se o modelo processual analítico (Figura 1). Esse modelo retrata as influências de resistências exercidas sobre o projeto institucional da UNILA, considerando a visão dos entrevistados. Tais influências aparecem frequentemente nos discursos dos entrevistados, sendo uma forma de justificar como significam e avaliam a implementação deste projeto universitário. As “caixas verdes” da Figura 1 sinalizam os princípios filosóficos orientadores do projeto institucional da universidade (UNILA, 2013). As “caixas azuis” aponta para a forma como cada entrevistado ideologiza o projeto UNILA, conforme as visões e percepções que vem do mundo e que de certa forma faz com que ocorra tensões e divergências sobre os significados (caixa vermelha). As “caixas cinzas”, por sua vez, representam as resistências inerentes à universidade. Importante considerar que o projeto foi concebido em um contexto econômico e político (PROLO et al., 2018) e que existe uma constante preocupação dos entrevistados acerca da manutenção deste projeto em novos contextos. Já as “caixas amarelas” retratam questões levantadas sobre a implementação do projeto, entre elas, talvez a mais representativa seja a gestão universitária, que passa por reitores temporários (*pró-tempore*), sem prazos definidos para a validação pelo voto da comunidade acadêmica.

Figura 1 - Entendimentos e resistências ao projeto institucional da Unila



Fonte: elaborada pelos autores a partir dos dados empíricos, 2018

A compreensão dos entrevistados acerca da concepção e implementação do projeto universitário da UNILA passa pelo o que significam (caixa vermelha: 'entendimentos/significados'). Constata-se nos discursos dos entrevistados que existe um abismo entre a concepção, a implementação e o processo de consolidação da UNILA. Uma das questões levantadas é sobre a falta de clareza do que seja o próprio projeto, de como ele pode concretizar a missão internacional de "integração latino-

americana”. Essa definição é entendida pelos entrevistados como o grande desafio da universidade, uma vez que pouco se discute internamente sobre como poderia ser concretizado em ações práticas a principal missão desta instituição. A indefinição favorece o surgimento de múltiplos entendimentos sobre o projeto e a universidade. Extratos das entrevistas reforça o que se deseja chamar atenção:

“É o meu projeto Unila... o debate é esse... meu projeto Unila... aonde está o projeto Unila? É a Unila em construção, o livro do Hélgio? É o PDI da universidade? Se for o PDI está muito simples... nosso PDI é um Frankenstein costurado a partir de interesses de cada grupo... ele não é da instituição... ele é o braço de um, dedo de outro, pé do outro” (150517)

“eu assumi o cargo de coordenação interdisciplinar, então foi a partir um pouco dessas lógicas e dessas vivências de observar, a complexidade da universidade assim, porque uma coisa quando eu cheguei aqui me chamou e ainda me chama muito atenção assim, Projeto Unila. Estão destruindo o projeto. Eu sou favorável a esse projeto. Mas afinal de contas, o que é o Projeto Unila, o que é o projeto?” (100517)

Ressalta-se que o princípio que orientou a elaboração do projeto de criação da referida universidade se baseia no compromisso de colaborar para “promover a integração pelo conhecimento e pela cultura, para subsidiar a aspiração histórica de uma América Latina solidária e integrada em seus objetivos comuns” (IMEA, 2009, p. 8). Coerentemente, esta universidade enfatiza o diálogo transnacional, a valorização da diversidade cultural e o desenvolvimento sustentável das sociedades por meio da criação de uma identidade latino-americana, viabilizada pela cultura e pelo compartilhamento recíproco de conhecimento em prol de algo maior: o aprofundamento da integração regional na América Latina. Ideário alinhado à política governamental que prevaleceu entre 2003 a 2010, período que esta universidade foi concebida e inaugurada.

Esse projeto universitário torna-se particularmente “ousado” na medida em que pretende assumir os desafios do processo de integração regional e aqueles inerentes a uma universidade em construção. Com o intuito de aprimorar a integração regional para além de uma integração comercial, a universidade torna-se lugar estratégico para promover a integração pela cultura, uma vez que a “cultura é vista como um fator determinante no comportamento do Estado e dos processos de integração regional” (ARAÚJO, 2014, p. 8).

Compromete-se a contribuir para uma integração regional pautada pela solidariedade (integração solidária), com a participação dos países da América Latina por meio da presença de estudantes e professores latino-americanos, chamando para si a responsabilidade de promover a integração regional a partir do ambiente universitário (UNILA, 2013). Apesar de o propósito justificador da criação desta universidade inspirar não apenas seus idealizadores, o processo de implantação da Universidade é permeado de subjetividades, contradições e incertezas. Por um lado, a existência de um projeto particularmente ambicioso, por outro o desafio da realização de um projeto ambicioso em um contexto social, político e econômico adverso. Isso gera múltiplos entendimentos sobre projeto e a universidade em questão. Talvez este seja o maior desafio enfrentado pelos atores sociais internos – compreender o projeto e ações que orientam o processo de implantação da universidade de modo que se avance na direção de um empreendimento coletivo.

Com base nas entrevistas, as resistências encontradas na implantação do projeto de criação da UNILA têm caráter externo e interno. O externo está atrelado à jurisdição e ao financiamento da universidade pelo governo federal brasileiro. Na época de sua

criação, as condições políticas e a conjuntura econômica permitiram a concretização e o financiamento do projeto unilateralmente. Contudo, o objetivo do governo brasileiro na época foi determinante para a criação desta instituição; da mesma forma, sua perpetuação se sujeitará aos objetivos políticos e ao contexto econômico do Brasil (no presente⁸ e no futuro). Isso suscita incertezas quanto à preservação do projeto original de criação da instituição. Além do mais, a população da cidade de Foz do Iguaçu revela descontentamento com o financiamento de estudantes internacionais com recursos brasileiros, fator que pode colocar em dúvida a missão da Universidade para o desenvolvimento local.

O aspecto interno, por sua vez, refere-se ao interesse e à capacidade dos atores internos (professores, estudantes e técnicos administrativos) de concretizar a missão justificadora da criação da UNILA, nos limites do que foi previsto em seu projeto político, pedagógico e administrativo. Neste sentido, embora o projeto de criação da universidade se preste a colaborar para um ideal de integração regional, matem-se imaturo no campo das ações de sua implementação e execução.

Considerações finais

Esse artigo traz elementos suficientes para suscitar discussões, recomendações e contribuições pelos pares acadêmicos, colaboração essencial para seu aperfeiçoamento. A vertente de aprimoramento do manuscrito fundamenta-se na direção da compreensão da concepção do projeto institucional universitário internacional e em que termos seus pilares filosóficos estão sendo concretizados e/ou consolidados, assim como a identificação das resistências encontradas neste processo.

Os resultados parciais da pesquisa revelam a existência de um conflito sobre a concepção de universidade que deve justificar a existência da Unila (modelos discutidos no referencial teórico). O primeiro se refere à *universidade internacional*, fortemente orientada por um processo de mudança e transformação capaz de integrar as dimensões internacionais, interculturais ou globais à sua missão educacional. O aspecto internacional seria um meio e não um fim em si mesmo. Já o segundo, a *universidade classe mundial* se orienta por resultados e eles garantem os recursos de que necessita e o prestígio institucional, busca-se a internacionalização como um fim. O projeto que originou a Unila se divide entre a *universidade internacional*, porém na implantação e consolidação sofre constantes embates com o modelo de *universidade classe mundial*. Este conflito entre concepções de universidade talvez seja uma das explicações que dificultam o entendimento e promovem resistências entre os segmentos internos sobre o que de fato é o projeto da Unila com foco internacional para a América Latina.

Portanto, percebe-se que a universidade tem comprometido o protagonismo esperado de uma instituição que pretendia colaborar na construção de uma consciência nacional democrática por meio de uma ciência engajada. A universidade latino-americana desejou colaborar para o desenvolvimento autônomo da nação, com base em uma consciência crítica, capaz de influenciar e modificar o seu entorno no nível regional, nacional e/ou internacional, ideias defendidas por Darcy Ribeiro (RIBEIRO; MATIAS, 2006; RIBEIRO, 1978). Estas aspirações sinalizam para a universidade pública, democrática, autônoma, com condições de indicar caminhos na construção de uma sociedade focada no conhecimento autóctone, preocupada com o desenvolvimento sustentável, nunca desconsiderando o conhecimento universal,

propósito estratégico pelo qual a Universidade Federal da Integração Latino Americana permanece um desejo, um ideal, um projeto.

Referências

AKKARI, A. **Internacionalização das Políticas Educacionais: transformações e desafios**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARAÚJO, D. Nos caminhos da integração e da interculturalidade: os desafios da UNILA. **Revista Sures**, p. 1-17, 2014.

BANDEIRA-DE-MELLO, R. Softwares em pesquisa qualitativa. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R., *et al* (Ed.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p.429-460.

BANDEIRA-DE-MELLO, R.; CUNHA, C. J. C. D. A. Grounded theory. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R., *et al* (Ed.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. São Paulo: Saraiva, 2010. p.241-266.

BRASIL. Constituição da república federativa do Brasil de 1988. 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 12 mar. 2015.

_____. Programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais REUNI 2008: relatório de primeiro ano. 2009. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2069-reuni-relatorio-pdf&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192 >.

_____. Lei nº 12.189, de 12 de janeiro de 2010. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino Americana UNILA e dá outras providências. 2010. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/L12189.htm >.

CHARLE, C.; VERGER, J. **História das universidades**. São Paulo: Universitas, 1996.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista brasileira de educação**, v. 24, p. 5-15, 2003.

CHAVES, V. L. J.; CASTRO, A. M. D. A. D. Internacionalização da educação superior no Brasil: programas de indução à mobilidade estudantil. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 2, n. 1, p. 118-137, 2016.

DE WIT, H. **Trends, issues and challenges in internationalization of higher education**. Amsterdam, The Netherlands: Centre for Applied Research on Economics and Management, 2011.

_____. Internationalisation of higher education, an introduction on the why, how and what In: WIT, H. D. (Ed.). **An Introduction to Higher Education Internationalisation**. Milan: Vita e Pensiero, 2013. p.13-46.

_____. Is the International University the Future for Higher Education? **International Higher Education**, n. 80, p. 7, 2015.

FELDFEBER, M. Internacionalização da educação: Tratados de Livre Comércio e políticas educativas na América Latina. In: FERREIRA, E. B. e OLIVEIRA, D. A. (Ed.). **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.161-182.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W. e GEORGE, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, v.7.ed., 2008. p.64-89.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. D. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R., *et al* (Ed.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p.301-323.

HAZELKORN, E. **Rankings and the reshaping of higher education: The battle for world-class excellence**. 2.ed. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

HOUAISS, R. D. J. I. A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Ed. Objetiva, 2001.

HUNTER, F. Internationalisation and institutional responsiveness: Harnessing the power of imagination. In: DE WIT, H. (Ed.). **An introduction to higher education internationalisation**. Milan: Università Cattolica del Sacro Cuore, 2013. p.61-74.

IMEA. **UNILA Consulta Internacional: contribuições à concepção, organização e proposta político-pedagógica da Unila**. Foz do Iguaçu: 2009.

INEP/MEC. Censo da Educação Superior 2016. 2017. Disponível em: < <http://inep.gov.br/microdados> >. Acesso em: 29 nov. 2017.

KERR, C. **Os usos da universidade**. 15.ed. Brasília: Ed. UNB, 2005.

KNIGHT, J. International universities: Misunderstandings and emerging models? **Journal of Studies in International Education**, v. 19, n. 2, p. 107-121, 2015.

LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. **Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento**. São Paulo: Alameda, 2011.

MELLO, A. F. D. **Globalização, sociedade do conhecimento e educação superior: os sinais de Bolonha e os desafios do Brasil e da América Latina**. Brasília: Editora UnB, 2011.

MENEGHEL, S.; AMARAL, J. Universidades internacionais na contracorrente. As propostas da UNILA e da UNILAB. **Universidades**, v. 67, p. 25-40, 2016.

MOROSINI, M. C.; DALLA, M. C.; GUILHERME, A. Internationalization of Higher Education: A Perspective from the Great South. **Creative Education**, v. 8, n. 01, p. 95-113, 2017.

OLIVEIRA, P. C. D. **Teoria substantiva dos fatores que influenciam a utilização do AVA na gestão da educação a distância em uma Universidade Pública**. 2016. 398 f. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina,

PASCUCI, L. *et al*. Managerialism na gestão universitária: Implicações do planejamento estratégico segundo a percepção de gestores de uma universidade pública. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 9, n. 1, 2016.

PEIXOTO, M. D. C. L. Educação como bem público, internacionalização e as perspectivas para a educação superior brasileira. In: OLIVEIRA, J. F. D.; CATANI, A. M., *et al* (Ed.). **Educação superior no Brasil: tempos de internacionalização**. São Paulo: Xamã, 2010. p.29-36.

PINTO, M. D. R.; SANTOS, L. L. D. S. A grounded theory como abordagem metodológica: relatos de uma experiência de campo. **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 62, 2012.

POZZEBON, M.; PETRINI, M. D. C. Critérios para condução e avaliação de pesquisas qualitativas de natureza crítico interpretativa. In: TAKAHASHI, A. R. W. (Ed.). **Pesquisa qualitativa em administração: fundamentos, métodos e usos no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2013. p.51-72.

PROLO, I.; LIMA, M. C.; MONIZ, G. C. A integração regional pela universidade: conceitos e incertezas a partir da criação de uma instituição brasileira. **Em processo de avaliação**, 2018.

RAUHVARGERS, A. **Global university rankings and their impact - report II**. European University Association ASBL, 2013.

RIBEIRO, A. M.; MATIAS, G. R. A universidade necessária em Darcy Ribeiro: notas sobre um pensamento utópico. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 42, n. 3, 2006.

RIBEIRO, D. **A universidade necessária**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

ROSEVICS, L. Por uma integração via educação: o novo marco do Mercosul Educacional no século XXI. **Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil**, v. 4, n. 1, p. 116-128, 2015.

ROSSI, P.; MELLO, G. Choque recessivo e a maior crise da história: A economia brasileira em marcha à ré. **Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica-IE/UNICAMP: Nota do Cecon**, n. 1, 2017.

RUBIÃO, A. História da Universidade: genealogia para um modelo participativo. **Coimbra: Ed. Almedina**, 2013.

SANTOS, F. S.; ALMEIDA FILHO, N. D. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Brasília/Coimbra: Ed. UNB / Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SGUISSARDI, V. Modelo de expansão da educação superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária. **Educação & Sociedade**, v. 29, p. 991-1022, 2008.

SILVA, A. F. D.; MARTINS, T. C. O REUNI no contexto de expansão das universidades federais de 2003 a 2012. **XIV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU** v. Florianópolis, 2014.

STAKE, R. E. Qualitative Case Studies. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Ed.). **The Sage handbook of qualitative research**. 3. California: Sage Publications, 2005. p.443-466.

_____. **A arte da investigação com estudos de caso**. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

UNILA. Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI da Universidade Federal da Integração LatinoAmericana (UNILA), relativo ao quinquênio 2013-2017. 2013. Disponível em: < <http://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/PDI%20UNILA%202013-2017.pdf> >. Acesso em: 22 jan. 2017.

_____. #UNILARESISTE. 2017. Disponível em: < <https://www.unila.edu.br/noticias/unilaresiste-4> >. Acesso em: 04 set. 2017.

VIEIRA, R. C.; LIMA, M. C. Academic Ranking-From Its Genesis to Its International Expansion. **Higher Education Studies**, v. 5, n. 1, p. 63-72, 2015.

_____. A busca pelo selo “universidade classe do mundo” e os rankings acadêmicos globais pioneiros. **Interfaces Brasil/Canadá, Revista Brasileira de Estudos Canadenses**, v. 16, n. 1, p. 97-123, 2016.

¹ A definição de universidade para esta pesquisa refere-se a “uma instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados à comunidade científica mais ampla” (HOUAISS, 2001). A partir dessa definição, estima-se que existam mais de 17.500 universidades atualmente no mundo (RAUHVARGERS, 2013), que apresentam maneiras diferentes de se organizarem, governarem, definirem e concretizarem sua missão.

² Essas universidades são: (a) Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), criada em 2008; (b) Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), criada em 2009; (c) Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em 2009; (d) a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em 2010, e (e) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em 2010 (SILVA; MARTINS, 2014).

³ A autora cita os seguintes indicadores, denominado de “perspectiva internacional” pelo ranking global THE: (1) a proporção de estudantes internacionais em cada universidade; (2) a proporção de faculdades internacionais e (3) a proporção de publicações de pesquisa da instituição com pelo menos um autor de outro país.

⁴ O Art. 02 da Lei de Criação diz que: “a missão institucional específica [da UNILA é] formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul -MERCOSUL” (BRASIL, 2010).

⁵ Dados divulgado no Censo INEP em 2016 (INEP/MEC, 2017), existem 3.333 estudantes de graduação matriculados na UNILA, dos quais 67% são brasileiros e 33% não-brasileiros (internacionais), oriundos de catorze nacionalidades da América Latina. Em relação aos professores, a proporção é de 83% para brasileiros e 17% não-brasileiros de quinze nacionalidades.

⁶ As nacionalidades foram: angolana; argentina; brasileira; chilena; colombiana; equatoriana; espanhola; haitiana; paraguaia; peruana; salvadorenha; uruguaia e venezuelana.

⁷ Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História – ILAACH; Instituto Latino-americano de Ciências da Vida e da Natureza – ILACVN; Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política – ILAESP; Instituto Latino-americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território – ILATIT.

⁸ Hoje (2018) o contexto político e econômico do Brasil é diferente em relação do contexto de criação da UNILA. O governo federal alterou para uma linha conservadora e a economia do país encontra-se em recessão, com desemprego astronômicos e corte de gastos públicos que afeta diretamente o financiamento da universidade pública (ROSSI; MELLO, 2017). No mês de julho/2017 a UNILA quase fora extinta devido à tramitação da Medida Provisória nº 785/2017, que tinha por objetivo alterar a nomenclatura e missão da UNILA, porém a medida foi tirada de pauta. Por hora, a UNILA manteve seus objetivos originários. Para essa retirada de pauta, foi preciso mobilizar a comunidade interna da UNILA, que contou com o apoio de mais de 130 entidades da sociedade civil organizada, instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais (UNILA, 2017).